

# A GLOBALIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO: UMA ABORDAGEM SOBRE O DESEMPREGO NO BRASIL

*José Ultemar da Silva\**

## Resumo

*O objetivo deste artigo é tecer comentários sobre a globalização e seus efeitos produzidos sobre as relações de trabalho, em que a automação se torna a responsável pela expulsão de milhares de trabalhadores do processo produtivo, bem como da precarização dos postos de trabalho. O resultado, ou seja, as consequências desse processo é o aumento dos problemas sociais, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, onde se verifica a existência de uma alta carga tributária, que propicia a exclusão de milhares de trabalhadores qualificados e desqualificados, cuja solução para a sobrevivência encontra-se na informalidade, dando vazão à sonegação.*

---

\* José Ultemar da Silva é doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestre em Economia Política pela PUC-SP, especialista em Comércio Exterior pela FACESP-FECAP-SP, graduado em Administração de Empresas pela FATI-SP e professor em diversas instituições de ensino superior em São Paulo.

## Palavras-chave

*Capitalismo, automação, tecnologia, exploração, concentração e exclusão.*

## Introdução

As transformações do mercado de trabalho global são atribuídas em parte ao fenômeno chamado de globalização, o mesmo que implica mudanças constantes, bem como os avanços tecnológicos que, desde as últimas décadas do século passado, têm ocorrido numa velocidade muito grande e com tamanha facilidade. Este ambiente globalizado e de crescente concorrência internacional tem obrigado as empresas a cortarem custos, com o objetivo de obter preços menores, tendo a qualidade como o diferencial para os seus produtos, pena que para algumas empresas cortar custos significa dispensar funcionários. Nesse processo de reestruturação também estão sendo eliminados vários postos de trabalho, bem como a automação de vários setores, ou seja, máquinas em substituição à mão-de-obra humana.

Em alguns países, além do processo de globalização, a falta de investimentos, a baixa escolaridade e a alta carga tributária têm contribuído grandemente para o aumento do desemprego. No Brasil, o Custo Brasil, ou seja, a carga tributária brasileira tem propiciado não só o desemprego, mas também o fechamento de várias empresas, as quais impossibilitadas de concorrerem com os produtos importados, não tiveram outra alternativa senão fechar ou cair na ilegalidade, dado o excesso e rigidez dos diversos encargos, principalmente os trabalhistas. Assim, essa concentração de encargos sobre as empresas brasileiras tem provocado sérios problemas: baixa competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, aumento do desemprego, aumento da informalidade e aumento da sonegação, o que contribui para a queda na arrecadação.

## As Alterações no Mercado de Trabalho Mundial

Quando a máquina a vapor entrou em cena, na virada do século XVIII, o processo provocou um choque na aceleração produtiva, quadruplicou-se a produção, pois as fábricas passaram a ser movimentadas pelos teares, e um turbilhão de braços humanos perdeu sua função e seu emprego. Perplexos, assustados trabalhadores chegaram a invadir as fábricas para destruí-las.

Com o desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, com a criação das grandes empresas, estimulou-se a concentração de capitais, todavia, esse gigantesco crescimento do capital fixo também propiciou uma redução da força humana no processo produtivo que, por sua vez, acabou se transferindo para a informalidade. Neste contexto, a força de trabalho, considerada numa análise marxista de *trabalho abstrato* é vista como empecilho na formação do lucro, enquanto a mercadoria, denominada de *trabalho concreto* tem a preferência. Daí, a acumulação da mais-valia, obtida pelos empresários através da exploração do trabalhador. Dessa forma, o grande sucesso do mundo capitalista do pós-guerra se deve à redução do diferencial de rendimentos entre o capital e o trabalho humano.

É notório e crítico que, em todo o planeta, a situação do emprego é alarmante. O já combalido mercado de trabalho passa cada vez mais por profundas transformações, causadas pela globalização e pelo “fantástico e assombroso” progresso tecnológico dos últimos 30 anos.

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), existem, hoje, no mundo, perto de 1 bilhão de desempregados<sup>1</sup>, sendo este o nível mais alto desde a Grande Depressão, nos anos 30. Além do desemprego, também causa preocupação o processo crescente de precarização dos postos de trabalho. Assim, o contingente de desempregado em todo o mundo ultrapassa a marca de 1 bilhão de pessoas. Ou seja, aproximadamente 30% de toda a força mundial de trabalho, tornando cada vez mais distante do pleno emprego<sup>2</sup>.

O conceito clássico de pleno emprego, defendido por Willian Beveridge em 1944, admite como tolerável uma taxa de desemprego conjuntural aceitável em torno de 3% (desde que essa margem abranja pessoas desempregadas por breve período de tempo, indivíduos que possam manter-se graças a um seguro-desemprego).

No final dos anos 50 do século passado, já se desenhava um prenúncio de como seriam os próximos anos. Assim foi o ambiente criado pelos países a partir da abertura comercial por parte de algumas nações,

---

1. Dados obtidos do Relatório sobre o Desenvolvimento Humano Mundial — FGV-SP, 1998.

2. Situação em que a demanda de trabalho é igual ou inferior a oferta. Isto significa que todos os que desejarem vender sua força de trabalho pelo salário corrente terão condições de obter um emprego.

que ainda se encontravam afastados da realidade econômica mundial; países com tecnologias obsoletas e ultrapassadas (isso também serve para explicar a economia brasileira, que começou seu processo de abertura já no final da década de 80).

O ambiente das modernas organizações é originário do mundo globalizado, que decorre especificamente do mundo competitivo, porém, apoiado em sistemas avançados, de tecnologia de ponta, especialmente os ligados às áreas de comunicação e informática, que exigem também uma nova postura do executivo. É o encontro *high-tech*, ou seja, o encontro do capital humano altamente preparado para lidar com a alta tecnologia.

A globalização neste início de século é um novo processo capitalista, que caminha num ritmo jamais visto, em que as vantagens para o produtor se concretizam com a compra de matéria-prima, provinda de qualquer parte do mundo, a preços baixos e de ótima qualidade, bem como da mão-de-obra abundante e barata. Decorrente de tantas facilidades e benefícios, o produtor também poderá instalar suas fábricas nos países onde a mão-de-obra seja abundante e mais barata, não importando se no Vietnã ou na Guatemala, o importante são os resultados, ou seja, os lucros.

As empresas também poderão vender suas mercadorias para o mundo inteiro, através desse entrelaçamento econômico dos países, que é um processo que começou no Mercantilismo, mas que sempre progrediu em marcha lenta. Porém, neste momento, está na velocidade da luz, produzindo grandes diferenças, pois o mesmo processo que cria soluções e riquezas, provoca um misto de ansiedade e indecisão quanto ao destino da classe trabalhadora, que assiste à substituição do homem pelas máquinas.

No início do processo de expansão do capitalismo, uma das estratégias utilizadas pelas empresas foi a *verticalização ou integração vertical*<sup>3</sup>, que ocorre quando a empresa controla desde a produção de matérias-primas até a confecção do produto. A verticalização da empresa permite que ela fabrique os produtos intermediários para o seu próprio uso (ou venda externa) ou avançar mais uma fase em direção ao consu-

---

3. Verticalização é a atuação de uma empresa em mais de um estágio do processo produtivo, o que freqüentemente ocorre por meio da fusão de várias empresas que atuam nas diferentes fases da produção.

midor final. Por exemplo, existem empresas que atuam na extração do minério de ferro e do carvão, utilizando, assim, os próprios meios de transporte, elas mesmas fundem e produzem o ferro e convertem em aço e o modelam em produtos semi-acabados ou até mesmo em produtos finais que elas mesmas comercializam.

Já o atual processo de acumulação capitalista prega o uso intensivo de máquinas e informações, o chamado processo de *horizontalização ou integração horizontal*<sup>4</sup> das grandes unidades produtivas e o sistema de produção flexível, que acabou provocando mudanças relevantes nas relações entre empregados e patrões. Exige, ainda, transformações rápidas, e assim acaba demandando um reduzido mercado de trabalho humano, pois a competição capitalista necessita mais das máquinas do que do próprio homem.

Dos trabalhadores que ficam, exige-se grande variedade de habilidades: flexibilidade, soluções criativas, alto grau de engajamento na empresa e capacidade para tomar conhecimento de todo o processo produtivo; o que é denominado atitude empreendedora.

Com a evolução do mercado global, o sistema capitalista encontrou fórmulas de superar o empecilho da concorrência, causado pela mobilidade de capital e pela concentração. A fórmula encontrada foi a de *combinações e uniões de empresas*<sup>5</sup>, ou seja, combinar ou unir capitais já concentrados, conseguindo assim fazer com que determinados capitalistas ampliassem sua produção e até atuar em outros setores da economia.

Outra resposta para explicar a expansão do capitalismo foi a tecnologia, que neste início de século continua sendo o motor da revolução através do aperfeiçoamento dos transportes e das comunicações, sempre reduzindo as distâncias. O passo é formidável, nunca foi possível deslocar artigos de um lugar para outro com tamanha velocidade. É espantoso. E as comunicações, em sua capacidade de instantaneamente inter-

---

4. Horizontalização é o processo ocasionado pela fusão de duas ou mais empresas que operam com os mesmos produtos, diminuindo, assim, a concorrência e conquistando uma maior faixa do mercado. Pode-se dizer que o processo também ocorre quando as empresas são integradas por utilizarem a mesma matéria-prima, embora não fabriquem o mesmo produto.

5. Segundo Sandroni (1999:133), este processo teve início no final do século XIX, quando o capitalismo superou sua fase tipicamente concorrencial e evoluiu para formação de monopólios, trustes e cartéis.

ligar os diferentes pontos do planeta, tornam as distâncias irrelevantes para as operações empresariais.

O resultado de toda essa expansão é um mundo onde as economias nacionais perdem importância relativa e o mercado de trabalho é cada vez mais colocado em dúvida. Conforme escreveu Alaby (2000:23) *Países se estilhaçam, blocos regionais de comércio crescem, a economia global torna-se cada vez mais interconectada, enquanto os postos de trabalho encontram-se cada vez mais precários.*

O dinheiro volátil é outra faceta da aceleração capitalista, onde, no ano de 1971, já se registrava um volume de empréstimos internacionais privados, de médio e longo, da ordem de 10 bilhões de dólares. Em 1995, este volume alcançou a cifra de 1,3 trilhão, significando um crescimento de 130 vezes em apenas duas décadas e meia. Hoje, o estoque de capital privado existente no mundo é estimado por volta de 10 trilhões de dólares.

Neste contexto, o processo de globalização está na indústria. Tomem-se as dez maiores corporações mundiais — Mitsubishi, Mitsui, Itochu, Sumimoto, General Motors, General Electric, Ford, Exxon, Nissho e Shell. Elas faturam 1,4 trilhão de dólares, o que equivale ao PIB conjunto de Brasil, México, Argentina, Chile, Peru, Colômbia, Uruguai e Venezuela, porém, metade das instalações, máquinas e laboratórios desses grupos e mais da metade de seus funcionários estão em unidades fora do país de origem. Também, 61% do seu faturamento é obtido em operações no estrangeiro.<sup>6</sup>

A verdade é que essas empresas empregam apenas 20% da mão-de-obra nos países em desenvolvimento e 60% nos países desenvolvidos. A força dessas corporações está na qualidade dos produtos e na expansão dos lucros e não na geração de empregos, o que caracteriza a exploração dos países mais ricos em detrimento dos países pobres.

### A Globalização e o Capital Humano

Neste contexto de relações e globalização, a valorização do conhecimento é o novo atributo indispensável ligado ao capital humano, pois a necessidade de ser competitivo em mercados globalizados passa a ser o maior pré-requisito na crescente concorrência, em que o acesso às

---

6. Dados obtidos da Revista *Economia e Negócios*. Ano 9, 1999.

informações em redes, cada vez mais amplas e abrangentes, é a marca de um novo tempo, em todo o planeta.

É com esse desenvolvimento, tecnológico e humano, construído sobre as estratégias de um concorrência globalizada que as empresas merecerão um lugar ao sol, ou seja, são as condições essenciais para o sucesso e sobrevivência. O pior é que nos países subdesenvolvidos os problemas sociais atravancam as chances de concorrência por parte da maioria dos trabalhadores que possuem pouca formação. Daí a exclusão.

De acordo com o relatório das Nações Unidas (PNUD)<sup>7</sup>, nas duas últimas décadas, o Brasil reduziu o seu nível de analfabetismo, aumentando o número de matrículas escolares e cresceu também a escolaridade média, embora continue inferior em 02 anos de países com renda equivalente.

Segundo a ONU, o desenvolvimento hoje é integrado, sempre baseado em ciência, tecnologia e valorização do capital humano. É essa integração que deve começar nos diversos setores da sociedade humana, desde a comunidade, passando pelas universidades, até chegar nos setores empresariais, onde os projetos mais ousados vão mudando a vida da sociedade humana e o perfil do desenvolvimento econômico.

Neste contexto, a nova mentalidade em que se engajou grandes empresas, como MCDonald's<sup>8</sup>, presente em todo o mundo, é que a formação dos profissionais já deve vir dos bancos das escolas, em que os futuros executivos já começam a transformar todo o conhecimento teórico em realidade para si e para as empresas.

A integração das escolas com a comunidade é resultante dos projetos audaciosos, como o da empresa MCDonald's, que contribuirá para o processo de desenvolvimento futuro. Por outro lado, a formação qualificada dos profissionais foi o caminho encontrado pelos países em desenvolvimento para romper o ciclo da economia primária e saltar para

---

7. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publica desde 1990 um relatório sobre o desenvolvimento humano no mundo, no qual procura-se avaliar o estágio de desenvolvimento através dos indicadores econômicos (principalmente a renda) e sociais (principalmente educação e saúde), que são traduzidos em indicadores da escolaridade, renda e longevidade, compondo assim o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

8. A empresa MCDonald's abriu seu primeiro restaurante no Reino Unido em 1970 e hoje conta com milhares de lojas em todo o mundo.

o processo de industrialização. Só que alguns países ainda não entenderam este propósito e continuam atrasados.

Hoje, o capital humano é tão importante quanto o capital fixo, pois, com a evolução do alto grau de tecnologia, é preciso preparar o profissional para acompanhar as mudanças, pois o grande diferencial dos recursos humanos está também nas informações claras, rápidas, objetivas e precisas, visando à confiança que os consumidores depositam nas marcas ou no atendimento a eles dedicados.

Segundo Crawford (2000:47)<sup>9</sup>, *no novo mundo globalizado, na nova economia, os profissionais precisam ser empreendedores e multidisciplinares, tanto no intuito de atender as novas exigências, como também na alavancagem das finanças das empresas*. Eis o problema maior para os países subdesenvolvidos, que além de serem explorados pelo capitalismo para a manutenção e aceleração dos lucros, a força de trabalho é considerada analfabeta para os moldes atuais de produção. Dessa forma, milhares de trabalhadores tornam-se excluídos do processo produtivo.

As mudanças no mundo globalizado, exigem que o profissional mude até de país, pois de um lado existem as necessidades; de outro, as oportunidades. Na França, por exemplo, a introdução dos computadores para executar algumas tarefas na linha de montagem das fábricas de automóveis obrigou muitos mecânicos e demais profissionais a procurar empregos em outros países, onde a tecnologia ainda não substituiu a força humana.

O mesmo acontece em outros países, onde os trabalhadores braçais vão tentar a sorte em empresas de todo o mundo; é o retorno da imigração, que parecia adormecida. Por outro lado, não se pode esquecer que, em vários países industrializados, as empresas não mais precisam de imigrantes, que antes eram empregados nas fábricas e agricultura. Isso vale tanto para os qualificados quanto para os desqualificados. Daí a exclusão desses trabalhadores nas grandes metrópoles e o aumento dos problemas sociais.

### **A Globalização e o Desemprego**

Como tudo na vida tem um lado negativo, a primeira denúncia é de que a globalização econômica estará decependo os empregos tam-

---

9. Em sua obra intitulada *Na era do capital humano*, o autor tece vários comentários sobre a globalização e desemprego nos países subdesenvolvidos.

bém em escala global e num ritmo igualmente veloz. No fim da linha, dizem os críticos, como José Pastore, haverá uma crise social de proporções nunca vistas.

A Alemanha está com a taxa de desemprego mais alta desde a 2ª Guerra Mundial. O desemprego atingiu 23% da população economicamente ativa da Espanha. Segundo a OCDE (Organização e Cooperação e Desenvolvimento Econômico)<sup>10</sup>, existem hoje 35 milhões de desempregados nos países desenvolvidos. Segundo a OCDE, tal fenômeno foi mais evidente em alguns países como: Alemanha, Japão, Estados Unidos e Espanha; enquanto no resto do mundo mais pobre o fenômeno também acontecia, embora não com tanta clareza. Nos anos 90, nos países em desenvolvimento, os dados são alarmantes.

Como já foi dito anteriormente, entre desempregados e pessoas alojadas em subempregos precários, existem, hoje, um contingente de quase 1 bilhão de pessoas. Essa massa de desempregados é produto do processo de globalização. Esse é o tiro mais forte disparado por aqueles que não se conformam com a idéia de que a paróquia está com os dias contados, pois para conseguir preços melhores e qualidade mais alta em sua guerra internacional contra os concorrentes, as empresas cortaram custos, isto é, empregos, e aumentaram muito os seus índices de automação, liquidando mais postos de trabalho.

É o desemprego estrutural um processo cruel porque significa que as fábricas robotizadas não precisam mais de tantos operários e os escritórios informatizados podem dispensar a maioria de seus datilógrafos, contadores, gerentes. Ele é diferente do desemprego que se conhecia até agora, motivado por recessões, que cedo ou tarde passavam.

Alguns economistas apontam no desemprego estrutural um paradoxo do sistema de globalização. Ela se ergueu para produzir coisas boas e baratas, vendidas numa escala planetária. Mas, por cortar o emprego das pessoas e sua renda, não terá para quem vender seus produtos reluzentes e seus computadores sofisticados.

O processo econômico sempre sofreu suas crises de adaptação, mas as próprias crises sempre produziram soluções. O problema maior é

---

10. Instituição criada em 1961, em substituição à organização Européia de Cooperação Econômica (OECE). Tem sua contribuição na publicação de relatórios e estatística, bem como a promoção de ajuda e assistência técnica aos países em desenvolvimento.

quando a crise altera os modos de vida das pessoas, principalmente quando estas perdem as mínimas condições de cidadania.

Conforme Castells (1999:86), *as crises econômicas que assolam os mundo são causadoras da pauperização da população dos países pobres, esta afirmação é constatada através do senso comum. Com isto a pauperização, a desigualdade social é atribuída a falta de emprego e renda.*

Da depressão de 1929, por exemplo, surgiu um novo modelo, em que o Estado investia pesadamente, gerava renda e consumo e criava emprego nas empresas privadas. De acordo com Baumann (1999:51):

*(...) em matéria econômica, é sempre perigoso fazer previsões, mas não há por que estabelecer, que a globalização da economia seja sinônimo de desemprego. Mesmo porque, até agora o desemprego é muito menos generalizado do que se diz. O que acontece é que o desemprego está produzindo um debate um pouco desfocado.*

No momento, ele é fortíssimo nos países europeus. Mas é bom lembrar que os Estados Unidos, apesar das demissões em certos setores, exibem taxa muito moderada de desemprego (cerca de 5%).

Segundo Baumann (1999:40):

*(...) as conseqüências deste processo de aceleração econômica sempre provocaram alterações em outros setores de atividade humana. A Revolução Industrial, o mais dramático deles, deslocou o foco da sociedade do campo para a cidade e expandiu as metrópoles, bem como os problemas sociais.*

Nos Estados Unidos, algumas empresas deslocam unidades industriais para outros países, terceirizam parte do trabalho, automatizam outras, e assim por diante. No entanto, quando se olha o panorama do alto da montanha, sem focalizar as companhias que demitiram multidões como a GM, a AT&T ou a IBM, descobre-se que, em seu conjunto, o emprego nos Estados Unidos está crescendo e muito, e não o contrário.

No Japão, a economia foi construída para dar emprego a toda sua população, mesmo que isso signifique trabalhar 24 horas por dia. Apesar da crise recente, o Japão ainda está numa faixa que pode ser considerada de pleno emprego. Na China, e nos outros Tigres Asiáticos, o regime é de ocupar braços, aumentando cada vez mais a produção e se destacando na economia mundial. No Brasil, a partir dos anos 90, a taxa de desemprego continua batendo na casa dos 8%, que pode ser

considerada extremamente danosa para os padrões dos países emergentes. Porém, o que existe é corte de vagas na indústria e abertura de vagas no setor de serviços.

### O Desemprego no Brasil

A População Economicamente Ativa<sup>11</sup> do Brasil que era de 75 milhões de pessoas em 1997, passa para 85 milhões em 2000. A taxa de desemprego aberto medida pelo IBGE nas principais regiões metropolitanas entre janeiro e novembro de 1998 era de 7%, ultrapassa a casa dos 8% em 1999. De acordo com o IBGE, a projeção desse índice para os próximos anos é de forte aumento, em função dos cortes promovidos pelas empresas, sem esquecer da precarização dos postos de trabalho em todo país. A redução drástica do emprego e ampliação do mercado informal marcam a economia brasileira a partir de 1998.

No Brasil dos anos 90, em média foram abertos, anualmente, 951.400 postos de trabalho. Em contrapartida, 1.417.100 pessoas em média ingressaram no mercado de trabalho a cada ano durante este período. Ou seja, o desemprego atingiu, em média, 465.700 pessoas ao ano. A qualidade do emprego no país (ou seja, os postos de trabalho) está cada vez pior, assim como as relações de trabalho.

Nos anos 90, ocorreu uma ampliação das ocupações não-assalariadas e das assalariadas sem carteira de trabalho. Ao mesmo tempo, os empregos com registro em carteira diminuíram. Sendo assim, é fácil de perceber que o trabalhador não-assalariado adota uma estratégia de sobrevivência e isso não pode ser desejado como futuro, pois a pessoa não tem acesso à Previdência e aos direitos sociais.

Segundo especialistas, para que o desemprego acabe, a economia brasileira teria de crescer à taxa de 6% ao ano, ou seja, mais que o triplo do que prevê o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) segundo seus relatórios<sup>12</sup>. Só assim seria possível absorver o contingente

---

11. Numa economia de mercado distinguem-se dois tipos de população: a População Economicamente Ativa (PEA) formada por empregadores, empregados e trabalhadores autônomos, e a População Economicamente Inativa por desempregados e incapazes.

12. *Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise*, é uma publicação de responsabilidade do Grupo de Acompanhamento de Políticas Industriais — GAPI do IPEA/DIPPP.

de 1 milhão a 1,5 milhão de jovens que a cada ano ingressam no mercado de trabalho.

Segundo analistas, nos próximos dez anos, o Brasil ainda vai ter uma taxa muito alta de pessoas entrando no mercado de trabalho. Isso significa que o país terá de gerar muitos empregos novos. Só que se o PIB cresce apenas 3% ao ano, não gera o número de empregos novos suficientes.

De acordo com o parágrafo anterior, isso significa a existência de criação líquida de emprego, isto é, empregos novos menos os empregos que deixaram de existir. Soluções para este problema estão sendo analisadas e estudadas pelo governo, como por exemplo o ajuste fiscal, aliado à execução das reformas da legislação trabalhista e da Previdência Social, que permitirá a retomada do crescimento econômico.

O fator que mais tem contribuído para o aumento do desemprego é a redução do crescimento econômico, agravado principalmente pelo aprofundamento da crise financeira internacional, em que numa linguagem cada vez mais popular, sempre um país se torna a “bola da vez”. Além disso, a aquisição de máquinas e equipamentos sofisticados, a implementação de novos métodos de gestão e as crescentes exigências de qualificação da mão-de-obra conduzem ao encolhimento do mercado de trabalho.

Os números que medem o desemprego se referem a uma porcentagem sobre a população economicamente ativa de uma região ou de todo o país, que pode ser calculada com base em diferentes metodologias. No Brasil, além do IBGE, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) medem a taxa de desemprego. O IBGE utiliza o critério de desemprego aberto, no qual somente as pessoas que no período de referência estavam disponíveis para trabalhar e realmente procuraram trabalho são consideradas desempregadas.

O SEADE e o DIEESE utilizam o critério de desemprego total que, além do desemprego aberto, engloba o desemprego oculto. Nessa categoria entram aqueles que não procuraram emprego por desalento ou porque estavam exercendo um trabalho precário. Esses cálculos levam a resultados muito diferentes. Na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, enquanto o IBGE calcula em novembro de 1998

a taxa de desemprego aberto em 8,12%, as duas fundações chegam a uma taxa de desemprego total de 17,7%.

Nos anos 90 cresce a informalidade no mercado de trabalho. A proporção de empregados com carteira assinada diminui e o número de trabalhadores autônomos e sem carteira assinada aumenta. Em 1990, mais de 50% dos trabalhadores tinham carteira assinada nas seis regiões metropolitanas pesquisadas. Em 1998 esse índice varia entre 38,7%, em Recife e 48,8%, em Porto Alegre, conforme pode-se ver por meio da tabela abaixo.

### *Empregados com carteira Assinada*

Fonte: IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

Contribuem para essa queda:

- 1) as novas formas de produção e de relações de trabalho, que tendem a elevar o número de trabalhadores autônomos, especialmente pela terceirização;
- 2) o relativo crescimento do emprego no setor de serviços, tradicionalmente, gera empregos informais;
- 3) o aumento de relações informais entre empresas e trabalhadores como forma de evitar os encargos da legislação trabalhista.

Um dos principais problemas é que a informalização acarreta queda da qualidade do trabalho, já que o trabalhador não tem acesso a parte dos benefícios determinados pela legislação. Dados oficiais, porém, mostram que desde dezembro de 1993 houve melhora no rendimento médio real dos trabalhadores informais (entre 32% e 49% desde dezembro de 1993).

Com relação ao trabalho infantil, estudo preparado pelo governo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de

1998<sup>13</sup> estima em aproximadamente 3,9 milhões o número de crianças brasileiras entre 5 e 14 anos que trabalham e são analfabetas. Essas crianças são em sua maioria de famílias com baixa renda e 58,2% trabalham na agropecuária. Entre as brasileiras de 5 a 9 anos, 3,6% ou 581,3 mil, trabalhavam em média 16,2 horas por semana. As atividades agrícolas ocupavam quase 80% dessas crianças, especialmente em pequenas propriedades familiares.

Na faixa etária de 10 a 14 anos, o percentual de crianças trabalhadoras eleva-se e atinge 18,7%, o que representa 3,3 milhões. Apesar do predomínio do trabalho no campo, sendo 58,3% na agropecuária, há um percentual maior em ocupações urbanas nessa faixa de idade. Muitas estão no comércio ambulante, são lavadores e guardadores de automóveis, engraxates etc, que trabalham, em média, 26,5 horas por semana. Com frequência, esses trabalhadores não recebem remuneração: 56,6% vivem de gorjetas. Entre os assalariados, 88,8% ganham no máximo um salário mínimo.

O trabalho infantil associa-se à pobreza, que faz com que as crianças tenham de contribuir para o sustento da família. O combate à utilização da mão-de-obra infantil é considerado pela ONU e pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>14</sup> uma das prioridades das nações em desenvolvimento, já que a infância e a adolescência devem ser destinadas à educação e à formação psicológica e social.

Hoje, no Brasil, a Constituição determina que 16 anos é a idade mínima para a admissão no trabalho. Entre os 14 e os 16 anos, as crianças só podem trabalhar como aprendizes. Existe, no entanto, proposta de emenda constitucional do governo que torna ilegal o trabalho de crianças com menos de 14 anos, mesmo como aprendizes. Ela é coerente com a Convenção 138 da OIT, que proíbe o trabalho de crianças com menos de 14 anos, pois, em alguns Estados, mesmo com

---

13. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a taxa de analfabetismo da população infantil no Brasil, em idade escolar obrigatória atinge 25,8% em 1998, índice superior ao estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) através da UNICEF, que juntos fazem sérias denúncias.

14. Entidade criada em 1919, pelo Tratado de Versalhes, como um departamento autônomo da Liga das Nações e em 1946 foi incorporada à ONU como agência especial. Tem como objetivos o intercâmbio de informações e a elaboração de normas para a melhoria das condições de trabalho e a promoção da justiça social em todo o mundo.

essa idade mínima para completar o ciclo escolar básico, várias crianças ainda estão fora das escolas ou ainda na repetência.

No Brasil, a criação de empregos tem sua liderança no setor de serviços e esse fato explica-se por duas razões principais. A primeira tem relação direta com o crescimento dos serviços na economia. A segunda razão diz respeito ao fato de o setor funcionar como um “colchão” que amortece, ainda que parcialmente, o desemprego gerado nos outros ramos da economia. Ou seja, em períodos de baixo crescimento econômico, como o que o Brasil atravessa desde a década de 80, a indústria tende a demitir mão-de-obra.

De acordo com pesquisa realizada pelo SEADE, grande parte desses trabalhadores, na impossibilidade de encontrar emprego na antiga função, busca alguma forma alternativa de obter renda. É por isso que, nessas épocas, proliferam o pequeno comércio, a venda informal de alimentos preparados, as oficinas domésticas etc., sem esquecer da proliferação dos problemas sociais, tais como: prostituição e criminalidade.

Na última década, o setor de serviços passa a empregar mais mão-de-obra e gerar mais riquezas que os setores industrial e agropecuário. Esse quadro se verifica no mundo todo. Nos países ricos, porém, há predominância de serviços nobres e caros, exercidos por profissionais qualificados e bem remunerados (técnicos, profissionais liberais e especializados). Nos países pobres ou em desenvolvimento convivem funções qualificadas e um leque de atividades exercidas por pessoas com pouca ou nenhuma especialização que recebem baixa remuneração (trabalhos domésticos são o melhor exemplo).

O setor de serviços apresenta claramente essa dualidade. O aumento da renda per capita urbana brasileira, desde os anos 50, possibilitou o desenvolvimento de atividades típicas de uma economia moderna. A má distribuição da riqueza e da renda, porém, deixa enorme contingente de mão-de-obra marginalizado, buscando alguma forma de renda em atividades de baixa qualificação.

Um dos fatores responsável pela baixa qualificação do trabalhador e pela precarização dos postos de trabalho é a chamada *terceirização*<sup>15</sup>,

---

15. O processo de terceirização acontece quando algumas atividades empresariais são transferidas para a gestão de terceiros, ou quando algumas especialidades são adquiridas de empresas prestadoras de serviços, pertencentes a terceiros, daí o nome terceirização.

por meio da qual ocorrem as maiores mudanças no setor de serviços. No Brasil, as mudanças no setor de serviços ocorreram em dois momentos. O primeiro foi com a industrialização, a partir da década de 50, quando o crescimento acelerado das cidades faz surgir demandas por serviços de toda espécie. O segundo momento é marcado pelo aumento da terceirização já no final dos anos 80.

Assim como nas economias desenvolvidas, há no Brasil grande expansão dos serviços intermediários voltados à produção industrial. A tendência acentua-se recentemente com as inovações tecnológicas geradas pelo uso da microeletrônica em processos produtivos. Isso faz crescer a necessidade de novos serviços especializados que, de modo geral, não são incorporados ao processo de produção. Muitas dessas especialidades são adquiridas de empresas prestadoras de serviços, pertencentes a terceiros, daí o nome terceirização.

O acirramento da competição internacional nos anos 90 exige que a indústria brasileira reorganize sua estrutura produtiva com o objetivo de reduzir custos e aumentar a produtividade. Para isso, atividades acessórias passam cada vez mais a ser terceirizadas. Nesse grupo de funções se destacam as relacionadas com informática (criação de “software”, programação, análise de sistemas etc), publicidade, limpeza, alimentação, manutenção de equipamentos etc.

A sociedade brasileira vive, entre meados dos anos 80 e quase toda década de 90, as conseqüências do esgotamento do padrão de acumulação de capital que se iniciou no pós-64. Esse padrão centrava-se na promoção de um crescimento econômico rápido, porém o que se viu foi um padrão concentrador e excludente.

Assim, o objetivo das políticas sociais seria de atenuar as tensões, propiciadas pela relativa estagnação e até mesmo da redução dos salários no setor formal da economia e, por outro lado, integrar, por meio de programas de caráter assistencial, determinados segmentos sociais que estavam à margem do desenvolvimento econômico (setor informal urbano, trabalhadores rurais e indigentes).

Conforme dados anteriores, a População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil que em 1997 era de 75 milhões de pessoas, em 1998 atinge 78 milhões; em 1999 atinge 80 milhões e, em 2000, 85 milhões. Já o desemprego em 1997 era de 4 milhões, em 1998 passa 6 milhões, já em 1999 os dados confirmam que o saldo de 10 milhões ou 8% da

PEA. Os dados da situação do desemprego no Brasil no final dos anos 90 podem ser vistos a partir da tabela abaixo.

*Taxa de desemprego no Brasil por Capitais em 1998*

Fonte: IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

Outros dados econômicos retratam bem o problema do desemprego no Brasil, principalmente os indicadores sociais, pois em toda década de 80, o país não teve um padrão de crescimento diferente dos demais países da América latina. Foram tantos os desafios sociais e econômicos enfrentados pelos países e assim como baixos foram os resultados.

O desemprego é uma visão explícita do que ocorre hoje em nosso país. Desde o ano de 1920, o crescimento do número de indústrias é realmente um fator altamente relevante para nossa economia. O que, até final dos anos 80, concretizava com o ingresso de investimentos que era o aumento da oferta de trabalho, porém essa visão começa a ser desmentida a partir dos anos 80, quando, no Brasil, verificou-se um aumento do número de indústria e, por outro lado, uma redução no pessoal ocupado. Noutras palavras, é o processo de automação. A próxima tabela retrata bem o problema do desemprego nas indústrias no Brasil.

*População Ocupada nas Indústrias: 1920 a 1998*

Fonte: 1920-1985 — I.B.G.E. (Censo Industrial);  
1990-1998 — Ministério do Trabalho — RAIS.

Como podemos avaliar, através da tabela anterior, a cada ano que passa cresce o número de indústrias no país, e ao mesmo passo diminui o número de pessoas empregadas neste setor. Pode-se dizer que seria pelo fato dessas empresas a cada ano se apropriarem dos mercados, mas junto trazem o grande responsável pelo aumento do desemprego, a automação, ou seja, as máquinas tomando o lugar do homem, a automação substituindo a mão-de-obra humana.

Para outros analistas, o problema do desemprego está na carga tributária, em que o chamado Custo Brasil é o responsável pelo agravamento não só do desemprego, mas também da precarização dos postos de trabalho. Nas empresas, a redução de custos começa na redução da mão-de-obra, depois alcança os direitos sociais daqueles trabalhadores que permanecem. No Brasil, a carga tributária é muito alta e dificulta a competitividade e os lucros, defendem os empresários.

Alguns economistas apontam a não-especialização da mão-de-obra brasileira como sendo o fator responsável pelo desemprego que, por não ser qualificada, não atende os objetivos dessas indústrias. Enfim, são várias as causas que agravam não só o problema do desemprego, mas uma dimensão maior dos problemas sociais, dentre eles o analfabetismo, a criminalidade, a prostituição e tantos outros. A verdade é que para todo e qualquer cidadão a fonte de promoção social é a renda, a qual deve vir do emprego. Quando este é insuficiente desencadeiam problemas maiores.

Conforme Pastore (2000:28)<sup>16</sup>:

*(...) a lei trabalhista no Brasil é extremamente rígida e têm funcionado como forte inibidora na geração de empregos formais. A CLT tem quase 1.000 artigos e, no entanto, uma só forma de contratar mão-de-obra, ou seja, pelo contrato de emprego por prazo indeterminado com 102% de encargos sociais.*

Ainda segundo Pastore (2000:32):

*(...) o Brasil não possui fórmulas intermediárias de contratação para abrigar as novas modalidades de trabalho (por projeto, subcontratado, teletrabalho etc.). Ou se contrata pagando 102% de encargos sociais; ou se contrata, pagando 0%. Não é a toa que o trabalho no setor formal diminui e no informal aumenta.*

No Brasil, é de consenso que a carga tributária é responsável pelo desemprego, pela informalidade, pela baixa competitividade dos produtos no mercado interno e externo, bem como o aumento da sonegação e queda na arrecadação. Isso contribui para o déficit público.

De acordo com Pastore (2000:40), os encargos sociais do Brasil podem ser vistos em comparação aos outros países:

Brasil .....	102%
Europa .....	60%
Demais países do Mercosul .....	50%
Japão .....	11,8%
Tigres Asiáticos .....	10%
Estados Unidos .....	9%

Como podemos ver, o Brasil é o campeão de encargos sociais e, também, de ações trabalhistas. Há mais de 2,5 milhões de processos na

---

16. O professor José Pastore é autor de várias obras e trabalhos sobre os temas trabalho e desemprego.

Justiça do Trabalho enquanto que, nos Estados Unidos, são apenas 75 mil; na França, 60 mil; e no Japão, mil. O Brasil possui 365 mil advogados; o Japão, 14 mil. Essa é uma das diferenças entre uma sociedade de dissenso e outra de consenso. O resultado de toda essa discrepância com relação aos encargos sociais é o desemprego, cada vez mais crescente.

Segundo pesquisa do SEADE, as remunerações reais recebidas pelos trabalhadores, medidas pelo efetivo poder de compra, diminuem a partir do ano de 1998, já que desde 1994 até 1997, levado pela valorização do Real, o poder de compra era confirmado. Os trabalhadores mais afetados pela queda no salário real são os da construção civil, do comércio e da indústria.

Conforme dito antes, nos anos 90 cresce a informalidade no mercado de trabalho brasileiro, mas também vê-se que a taxa de analfabetismo no país é muito alta, o que também contribui para a exclusão destes trabalhadores do mercado formal, cuja solução ele irá encontrar no mercado informal (camelôs e vendedores ambulantes). Neste quadro de informalidade, vários trabalhadores mal sabem assinar o próprio nome, o que está longe de se adequar aos novos modelos de produção, em que a formação acadêmica, a língua estrangeira, a facilidade com as ferramentas da informática são os atributos indispensáveis.

Segundo especialistas em recursos humanos, até recentemente, no Brasil, não havia profissionais com os requisitos que na maioria dos países desenvolvidos, desde os anos 40, já era parte integrante do processo produtivo da maioria de suas empresas. O processo brasileiro de formação do trabalhador, ainda que meio lento, começado no fim dos anos 90 é, hoje, parte da consciência de pequeno número de empresários, que ainda pouco investem na formação e na qualificação dos seus funcionários.

No Brasil, em outras palavras, o treinamento hoje observado nas poucas médias e grandes corporações<sup>17</sup> já começa possibilitar ao funcionário a interação com a corporação. Portanto, na medida em que eles adquirem conhecimentos que extrapolam sua área de atuação, eles passam a ser chamados de multidisciplinares. No cenário globalizado, o

---

17. No Brasil, várias empresas, a começar pelos bancos e demais empresas estrangeiras, já começam a mostrar os bons resultados a partir do treinamento dos funcionários.

que garantirá o sucesso das empresas é a mistura da capacidade técnica dos funcionários com a vontade de aceitar as mudanças e estar disposto a abandonar os velhos conceitos e comportamentos.

Verifica-se que, neste estágio, em que já ocorre, além da concentração de capital, também a centralização financeira, conduzida de modo eficiente pelos bancos, com vistas nos lucros dos fundadores, estes fazem um esforço supremo pela supressão da concorrência entre as empresas nas quais participam, delineando, assim, a ambição dos bancos pela formação do monopólio, fazendo com que as tendências do capital bancário coincidam com as do capital industrial, depois da eliminação da concorrência. Desta forma, durante períodos de depressão, quando a limitação da concorrência é mais necessária, a formação de associações é mais difícil.

O desenvolvimento tecnológico, através do aumento das despesas com pesquisas e sua organização como ramo autônomo da divisão do trabalho (possibilitada pela valorização das rendas tecnológicas, que passaram a ser principal fonte de super lucros) proporcionou uma depreciação mais rápida do capital fixo, exigindo um planejamento empresarial mais abrangente e urgente. Este fato explicaria a centralização capitalista e a tendência inerente do capitalismo tardio ampliar o controle sistemático sobre todos os elementos dos processos de produção, circulação e reprodução.

### **Globalização, Consumidor e Trabalhador**

Outro elemento da globalização é o consumidor. Há algumas décadas, ele usava produtos nacionais. Hoje, não compra exatamente produtos de um país estrangeiro, pois o que ele consome cada vez em número maior é um produto sem pátria, sem carteira de identidade, sem sotaque identificável.

A indústria de computadores Compaq, tida como americana, usa patentes de outros países no composto tecnológico de seus aparelhos e os componentes físicos utilizados são fabricados na China, em Taiwan, Cingapura, Coréia, Japão, Vietnã, alguns até mesmo nos Estados Unidos. Quando se examina a anatomia de um artigo, como o tênis Nike, entende-se mais facilmente em que medida o modo de produção está mudando. A Nike é uma empresa americana que, em teoria, produz calçados. Só que todos os 9000 funcionários da Nike que trabalham nos

Estados Unidos não costuram solas nem colam palmilhas. Eles trabalham em projetos, em planejamento de marketing e funções de gerenciamento. A produção física dos sapatos é feita por 75000 funcionários alocados em outras empresas fora dos Estados Unidos. Na China, inclusive. A AT&T, gigante das comunicações dos USA, concentrou o grosso de seu pessoal em Porto Rico, pois a mão-de-obra é mais barata e em geral bilingüe.

Segundo Alaby (2000:19), *é impossível dizer que conseqüências trará, a não ser as já conhecidas este processo de globalização*. Entre os otimistas, a expectativa é grande, pois segundo os mesmos, *trata-se de uma nova espécie de processo social uma coisa nunca vista antes: uma nova civilização, alimentada pela exposição à tecnologia e as facilidades, onde as diferentes classes sociais podem ser beneficiadas* (Ibid).

Outra vertente de críticos rebate as afirmações, pois neste processo, apenas alguns países andam mais depressa, enquanto grandes contingentes ficam para trás. Dessa forma, poucas são as classes sociais realmente beneficiadas. Segundo esses críticos, a outra nota ruim da globalização está no desaparecimento das fronteiras nacionais e na concorrência desleal. Os governos não conseguem mais deter os movimentos do capital internacional, por se tornarem necessários para a gerência da economia. Por isso, o controle governamental sobre a política econômica interna está se reduzindo, bem como o sistema de proteção, pois a necessidade dos investimentos externos é bem maior.

Os governos também estão perdendo a capacidade de proteger o emprego e a renda das pessoas. Se um país estabelece uma legislação que protege e encarece o trabalho, é provavelmente excluído da lista de muitos projetos de investimento por parte dos interessados. No ano de 1999, a BASF alemã anunciou a abertura de 3 novas fábricas, com um investimento milionário, porém elas serão montadas não na Alemanha, mas sim na Índia e na Ásia.

Há, enfim, uma perda de controle sobre a produção e comercialização de tecnologia, coisa que, nos tempos da guerra fria, seria impensável. Naquela época, a tecnologia estava ligada à soberania dos países. Hoje, para empresas que operam em escala planetária, a origem da tecnologia, da matéria-prima e do trabalho não tem a menor importância, desde que seu custo seja baixo e sua qualidade seja alta. Na nova economia global, a inteligência também não obedece mais a fronteiras ou nacionalidades. As empresas vão empregá-las onde elas estejam.

Segundo Troster (2001:23):

*(...) é natural que por crença ou demagogia em níveis maiores ou menores de eficácia, alguns governos tentem deter a corrente da globalização e os problemas por ela causados. A União Europeia quer atualmente estabelecer uma reserva de mercado para os programas de televisão produzidos na Europa e pretende impor limites à Internet, a rede mundial de computadores. Já o governo francês quer subsidiar a indústria têxtil e de sapatos, enfraquecida pela concorrência de produtos italianos e o governo canadense quer bloquear a entrada de livreiros americanos. No Brasil pouco se fala do sistema de proteção.*

Já segundo Grieco (2001:48):

*(...) a proteção na alfândega, como pregam os políticos, tem efeitos benéficos na economia globalizada. Para ficar apenas em um exemplo, os produtores de aço americano pressionaram por proteção contra as importações e conseguiram o que queriam. Como consequência, o preço da chapa de aço ficou 40% mais alto para os seus colegas que fabricam automóveis nos Estados Unidos. O carro americano, é claro, perdeu competitividade diante do japonês. Isso ficou provado que várias formas de proteção não sejam capazes de criar, nem de proteger os empregos.*

Os Estados Unidos são um grande país liberal cujas grandes corporações industriais formam o próprio coração da economia global. Nos últimos 20 anos, 35 milhões de empregos foram criados no país, apesar de sua abertura econômica. Nesse período, a criação de empregos nos países europeus, altamente protecionistas, equivale a zero.

Segundo Almeida (1999:41):

*(...) é ilusão imaginar que atos de força na alfândega, reservas de mercado, e regulamentos de toda ordem signifiquem uma alternativa de progresso econômico. Os tempos mudaram, e um país com fronteiras fechadas tem pouco acesso a capitais e as novidades tecnológicas. Com isso, o país perde competitividade e sua indústria envelhece, fica incapaz de atender a demanda, a inflação sobe e a capacidade de criar empregos é totalmente inexistente.*

Com relação ao poder aquisitivo, os que se aborrecem intelectualmente com a globalização dizem que ela é como um movimento centrífugo, que pelo desemprego agravará ainda mais a iniquidade da má

distribuição de renda, concentrando a fortuna no bolso de poucos e deixando bilhões de pessoas na miséria. Mas existem aqueles que enxergam com otimismo e advogam que ela é capaz de dobrar o consumo no mundo, o que caracterizam também um forte aumento da produção. O pior é que muitos se esquecem de que o consumo depende da renda que, por sua vez, depende do emprego, isto é maioria. Assim uma grande parcela será excluída do consumo.

### Considerações Finais

O desemprego é um problema mundial, mas suas razões são agravadas por problemas nacionais, pela incapacidade do poder público de gerar emprego ou pelo menos protegê-los. No Brasil, o desemprego vem piorar um quadro de distorções sociais, que já se encontra cada vez mais degradante. Neste momento, cabe lembrar que a partir dos anos 50, mesmo com as crises dos anos 70 e 80, o Brasil foi um dos países que mais cresceu no mundo, porém, sem resolver os seus problemas sociais.

Entre os fatores que agravam a questão estão a baixa escolaridade da mão-de-obra, a informalidade do trabalho e a precária rede de proteção social que cerca a população. Além disso, o país passou a adotar políticas públicas de proteção ao trabalhador com enorme atraso. O seguro-desemprego, por exemplo, só foi implementado em meados da década de 80. Hoje, o Brasil enfrenta, simultaneamente, problemas de atraso e da modernidade tecnológica.

Os países desenvolvidos resolveram o problema do emprego no século XIX com um conjunto de medidas como a reforma agrária, a reforma tributária e a reforma social. Conforme Martins (1998:63):

*(...) por não termos feito a reforma agrária, em três décadas o Brasil deixou de ser uma economia agrária para se tornar uma economia urbana, isto é, cerca de 100 milhões de pessoas deslocaram-se do campo para a cidade. Para fazer o mesmo movimento, a França levou 100 anos. O resultado, como se sabe, foi esse mercado de trabalho urbano abundante de mão-de-obra, sem alternativas ocupacionais.*

O Brasil também não seguiu o exemplo das nações que hoje são desenvolvidas ao deixar de fazer a reforma tributária nas décadas passadas. Hoje, convivemos com uma estrutura tributária regressiva, em que os mais pobres pagam muitos impostos. Outra diferença marcante do Brasil em relação ao Primeiro Mundo é a má distribuição de renda, que

exclui grande parte da população do mercado de consumo. Nos Estados Unidos, por exemplo, 3 em cada 4 pessoas possuem um automóvel. No Brasil, a proporção é de 1 em cada 11 pessoas. Essa exclusão constrange a expansão da produção e do emprego. A exclusão do mercado de consumo foi um dos fatores que não nos permitiram resolver os problemas estruturais.

A globalização é uma mudança de intensidade em todos os setores da economia. A tecnologia, que teve seu início como promoção da indústria, migrou também para o comércio, comunicações e transportes e, sem dúvida, tem o seu papel de destaque e importância na evolução da sociedade humana. Por outro lado, este mesmo processo hoje provoca debates, em função das conseqüências desastrosas perpetuadas ao longo da história, onde nem todos os países estão preparados para a concorrência em escala global e nem toda mão-de-obra mundial está preparada para ser utilizada como força de trabalho nas grandes indústrias, daí a exclusão e as contradições.

Para alguns autores, a possibilidade da globalização beneficiar a todos é difícil, pois a mesma requer mudanças em todo o sistema, seja político, econômico, social, seja até na mudança da cultura da sociedade artesanal para os dias atuais, em que predomina a tecnologia. Mesmo assim, segundo eles, alguma coisa poderia e pode ser feita para atenuar os efeitos danosos deste processo. A idéia de que os recentes avanços tecnológicos entre computadores e telecomunicações seria um passo para conseguir uma vida mais digna, mesmo para as sociedades mais pobres, não se confirma, pois o que assistimos a cada dia, é a acumulação do capital em detrimento das relações de trabalho. Para os trabalhadores, os benefícios para a sociedade seria a criação de um sistema em que a participação da força de trabalho fosse realmente maior.

Finalmente, temos a questão da informalidade, desde inícios dos anos noventa, tem aumentado o grau de informalidade do mercado de trabalho no Brasil. Já vimos que esse fenômeno não está relacionado somente à queda do dinamismo da economia, mas também da ineficiência do Estado. No Brasil, trata-se de uma tarefa cada vez mais difícil e complicada, pois o poder público referendado para tomar decisões, continua no âmbito do Estado Nacional, cheio de controvérsias, denúncias e CPIs. Assim, o capitalismo que se transfere dos países ricos para os países pobres reproduz a desigualdade e a exclusão de milhares de trabalhadores e de consumidores, frente à incapacidade dos governos de protegê-los.

Evidentemente, são múltiplas as causas da informalidade em todo o mundo, passando inclusive pelos incentivos gerados pelo sistema de Seguridade Social, a legislação trabalhista e as peculiaridades das micro e pequenas empresas que concentram um grande número de trabalhadores informais. O aprofundamento das discussões sobre as causas da informalidade deve estar no centro de todas as atenções, pois a globalização econômica constitui, ao mesmo tempo, uma tendência dominante e irreversível no processo produtivo, financeiro, econômico e social. Só olhando para os países subdesenvolvidos é que poderemos ter uma visão próxima das dificuldades da globalização.

### Bibliografia

- ALABY, M. A. (2000). *O futuro das Américas*. São Paulo: Revista de Negócios do Mercosul.
- ALMEIDA, P. R. (1999). *O estudo das relações internacionais*. São Paulo: UNIMARCO.
- BANCO MUNDIAL. (1998). *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano Mundial*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.
- BAUMANN, R. (1999). *O Brasil e a Economia Global*. Rio de Janeiro: Campus.
- BRUNO, L. (1996). *Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Atlas.
- CASTELLS, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CRAWFORD, R. *Na era do capital humano*. São Paulo: Atlas.
- DE MASI, D. (1999). *O futuro do trabalho*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- DOWBOR, L., IANNI, O. e EDGAR, P. (1999). *Desafios da Globalização*. 2. ed. Petrópolis — RJ: Vozes.
- DOWBOR, L. (1999). *A reprodução social: Propostas para uma gestão descentralizada*. 2. ed. Petrópolis — RJ: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1999). Da globalização ao poder local: a nova hierarquia dos espaços. *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: v. 9, n. 8.
- DUPAS, G. (1999). *Economia Geral e exclusão social — Pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Paz e Terra.
- FIGUREVANTE, M. F. L. V. (1998). *A última década: Ensaio da FGV sobre o desenvolvimento brasileiro nos anos 90*. São Paulo: FGV-SP.
- FURTADO, C. (1988). *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GIDDENS, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.

- GONÇALVES, R. (2000). *O Brasil e o comércio internacional: transformações e perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- GRIECO, F. de A. (2001). *O Brasil e a Nova Economia Global*. São Paulo: Aduaneiras.
- IANNI, O. (1997). *A Era do Globalismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- IPEA — IBGE. (1998). *Desenvolvimento Humano e condições de vida: Indicadores brasileiros*. Brasília.
- LEVY, A. R. (1999). *Competitividade Organizacional*. São Paulo: Makron Books.
- MARTINS, J. de S. (1998). *Não há terra para plantar neste verão*. São Paulo: Vozes.
- MARX, K. (1980). *O Capital: O Processo de Produção do Capital*. Vol. 1, livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MOREIRA, M. M. (2000). *A indústria brasileira nos anos 90*. São Paulo: Atlas.
- OSBORNE, D. e GAEBLER, T. (1992). *Reinventando o governo*. Brasília: MH Comunicações.
- PASTORE, J. (1998). *O Desemprego tem cura?* São Paulo: Makron Books.
- \_\_\_\_\_. O Trabalho na virada do século, in: *Folha de S. Paulo*, 02/01/00.
- RELATÓRIO IPEA. (2001). Mercado de trabalho — Conjuntura e análise — nº 15, fevereiro. *REVISTA Economia e Negócios*. São Paulo; Ano 9, 1999.
- REVISTA *VEJA* — Editora Abril — edição 1438 — 3/04/96.
- RIFKIN, J. (1999). *O fim dos empregos — O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books.
- ROSSETI, J. P. (2000). *Transição 2000: tendências, mudanças e estratégias*. São Paulo: Makron Books.
- SANDRONI, P. (1999). *Novo Dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller.
- THUROW, L. C. (1996). *The future of Capitalism*. New York: Willian Morrow and Company, Inc.
- TROSTER, L. R. (2001). *Um novo século, um novo Brasil*. São Paulo: Makron Books.
- WALKNER, A. C. (1998). *O Terceiro Mundo e a Nova Ordem Internacional*. São Paulo: Ática.